

AS PRIMEIRAS SOCIEDADES CAMPONESAS NO ATUAL CONCELHO DE ARRAIOLOS (PORTUGAL): ESTRATÉGIAS DE POVOAMENTO

Ivo Santos¹
Leonor Rocha²

Resumo:

No âmbito do projeto LAPA - “Levantamento Arqueológico e Patrimonial de Arraiolos”, os trabalhos de prospeção arqueológica realizados entre 2010 e 2013 permitiram identificar um conjunto de novos sítios de habitat que, no seu conjunto, nos possibilitam estabelecer áreas preferenciais para o estabelecimento de povoados entre o Neolítico antigo e a Idade do Ferro. De facto, o projeto visava um amplo quadro cronológico e a metodologia proposta implicava a cobertura total do território do Concelho de Arraiolos, assim como o registo de todo o tipo de evidências arqueológicas, o que nos possibilitou conhecer e interpretar as estratégias de povoamento.

Apresenta-se aqui um resumo destes novos sítios, como contributo para o conhecimento do povoamento pré-histórico desta área.

Palavras-Chave: Neolítico; Calcolítico; Povoamento; Arraiolos

Abstract:

On the project LAPA ("Archaeological Survey and Heritage of Arraiolos"), lead by the signers, the archaeological prospection carried out between 2010 and 2013 identified a number of new habitat sites which enabled us to identify preferential areas for the establishment of Neolithic and Iron Age settlements.

In fact, as normal in this type of endeavors, the project aimed at a broad chronological frame and the proposed methodology implied the full coverage of the territory, as well as the record of all types of archaeological artifacts.

We present here the summary of these new sites, as a contribution to the knowledge of the prehistoric settlement of this area.

Key-words: Neolithic; Chalcolithic; population; Arraiolos Municipality

¹ ifs@uevora.pt CIDEHUS-UE / CHAIA-UE

² lrocha@uevora.pt. Universidade de Évora/ CHAIA [2016] - Ref.ª UID/EAT/00112/2013 [CHAIA/UE 2014] - [Projeto financiado por Fundos Nacionais através da FCT/Fundação para a Ciência e a Tecnologia].

1. Introdução

Nas últimas décadas têm vindo a ser identificados um conjunto significativo de novos sítios de habitat, um pouco por todo o país, devido, por um lado, ao aumento considerável do número de projetos de investigação mas, especialmente, pelo aparecimento de numerosas empresas de arqueologia que, no âmbito dos trabalhos realizados (sobretudo em termos de avaliação de impacto ambiental e respetivas medidas compensatórias), têm sido responsáveis pela identificação e escavação de povoados pré e proto-históricos.

Estes trabalhos acabaram por permitir verificar que no Alentejo existem situações bastante diferenciadas. De facto, a identificação de um conjunto significativo de povoados com estruturas negativas no Baixo Alentejo, completamente indetetáveis à superfície, veio complexificar e ampliar as variabilidades regionais. Com cronologias e materiais similares aos existentes em povoados abertos e fortificados, permanece em aberto o estabelecimento de relações entre estas populações e, sobretudo, a compreensão e funcionalidade deste tipo de sítios, alguns excecionalmente grandes (caso do povoado de Porto Torrão que poderá atingir os 100 hectares).

Analisando a informação arqueológica atualmente disponível para esta área, e conjugando com o substrato geológico, torna-se evidente que estas populações souberam identificar, valorizar e utilizar de forma muito pragmática os diferentes substratos geológicos existentes no Alentejo, construindo estruturas negativas (povoados e necrópoles) onde existia rochas brandas (margas, calcários e xistos brandos) e estruturas positivas (povoados e necrópoles), onde existiam rochas duras (granitos, xistos, dioritos...).

2. Breves considerações sobre o povoamento de Arraiolos

O estudo do povoamento antigo no atual concelho de Arraiolos remonta a meados do século passado. As notícias mais antigas que dispomos são em geral sucintas, preliminares, e resultam apenas da identificação de restos materiais à superfície, muitas vezes com descrições sumárias e sem representações gráficas ou quantitativas dos

mesmos (Calado, 2001, 2004; Calado e Rocha, 1996-1997; 1997; Correia, 1921; Rocha, 1999, 2005; Rocha e Santos, 2013; Rocha, Santos e Branco, 2013; Silva e Perdigão, 1998). Acresce ainda o problema do estabelecimento de cronologias muito amplas (ex. Neo-calcolítico) que permite colocar no mesmo espectro cronológico sítios que poderão, depois de intervencionados, apresentar cronologias muito distintas.

As leituras realizadas com base essencialmente em prospeções arqueológicas, devido à inexistência ou escassez de sondagens e/ou escavações que nos permitam obter sequências estratigráficas e cronológicas seguras, apresenta limitações intransponíveis que condicionam severamente os estudos, sobretudo quando analisados a uma escala micro-regional. Cientes destes problemas para a área em estudo, consideramos que a comparação dos povoados identificados em Arraiolos com os das áreas limítrofes possibilita, no entanto, a construção de algumas hipóteses de diferenciação e evolução cultural.



Fig. 1. Trabalhos de campo em Arraiolos.

2.1. Neolítico Antigo (VI-V milénio a.C.)

Aparentemente não existem na área do atual concelho de Arraiolos ocupações anteriores ao Neolítico (Almeida, 2014). Atendendo aos dados regionais é muito

provável que existam alguns sítios Paleolíticos na área, mas devido a processos tafonómicos e, possivelmente, a questões arqueográficas, estes ainda não foram identificados.

É, no entanto, reconhecido pela generalidade dos autores que poderão ter existido incursões de grupos mesolíticos oriundos do vale do Tejo ao interior alentejano onde hipoteticamente terão contactado com comunidades neolíticas vindas do interior da Península Ibérica (Arnaud, 1982; Calado, 2004; Diniz, 1994, 2003a, 2003b; Rocha, 2005).

Estas primeiras comunidades agro-pastoris, genericamente enquadráveis entre o VI milénio a.C. e inícios do V milénio a.C., detinham um modelo económico baseado na caça/recoleção e em práticas agrícolas e pastorícias ainda rudimentares, sendo que os vestígios resultantes destes povoados são normalmente escassos e de pouca visibilidade. As características materiais destes sítios são, por norma, a abundância de uma indústria microlaminar (lascas, pequenas lâminas e lamelas), escassa pedra polida (e quando recolhida de secção redonda ou ovalada e corpo pouco ou nada polido), a presença de alguma cerâmica decorada (impressa e incisa).

Em termos paisagísticos, o povoamento destas primeiras comunidades camponesas não implicou uma antropização da paisagem de grande destaque, pelo que os primeiros momentos do povoamento são, frequentemente, quase *invisíveis* na paisagem, aproveitando os recursos aquíferos e afloramentos rochosos de maior destaque.

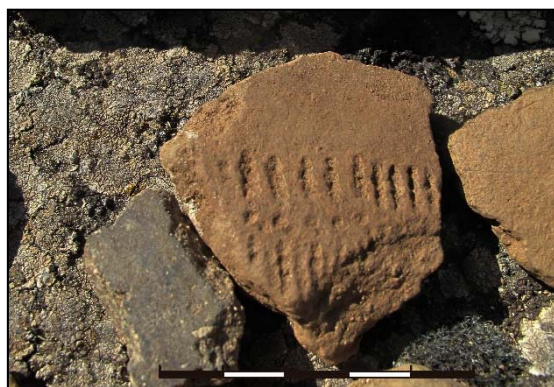


Fig. 2 e 3. Monte do Olival 10 e cerâmica decorada de Bolelas de Baixo1, respetivamente.

Conjugando estes dados com a diversidade paisagística do Concelho de Arraiolos podemos de facto confirmar que existem aparentes “áreas vazias” no concelho.

De fato, a análise do mapa de distribuição dos sítios arqueológicos (Fig.3) atualmente conhecidos evidencia a existência de uma grande densidade de sítios na parte N/NW do concelho e uma rarefação na restante área. Assumimos, no entanto, que a distribuição estará provavelmente mais relacionada com a própria evolução dos estudos arqueológicos efetuados nesta área do que com questões históricas.

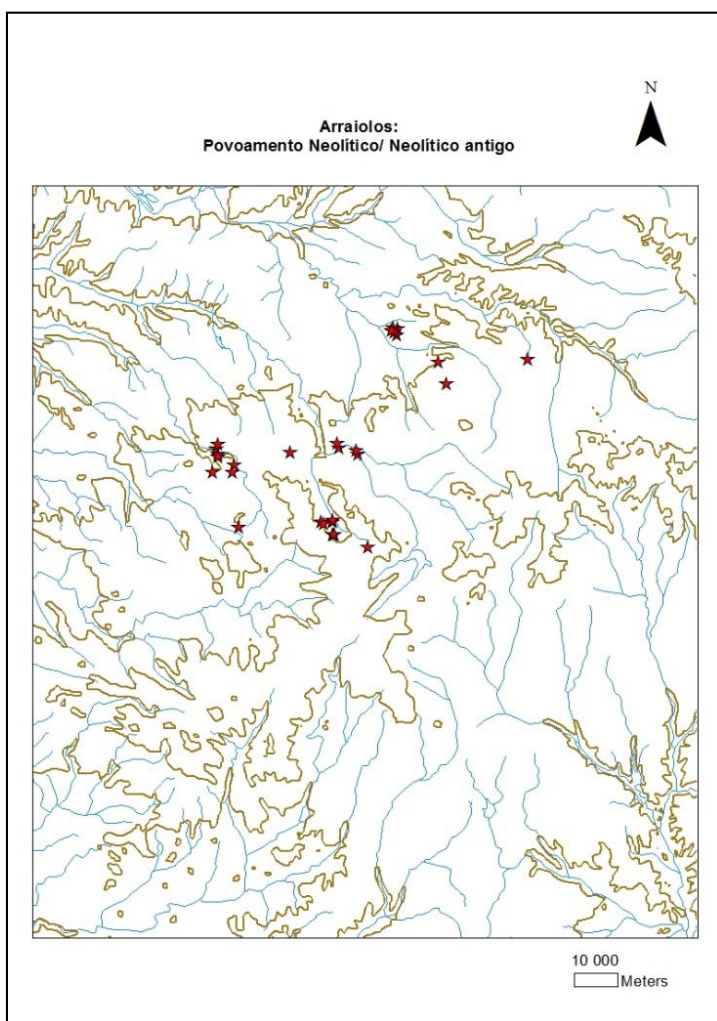


Fig. 4. Povoamento Neolítico no concelho de Arraiolos

A nível regional, a investigação tem vindo a confirmar uma mesma realidade: as primeiras populações agro-pastoris tinham uma clara preferência por áreas aplanadas, abertas, perto de linhas de água, e junto a grandes afloramentos graníticos.

São exemplo deste tipo de preferência os povoados da Água Boa, Estrelada, Pedra da Moura (onde existia mesmo uma pedreira de granito), Santarém, Bolelas de Baixo 1 ou o da Pastaneira, todos em torno de afloramentos graníticos (Rocha, Santos e Branco, 2013).

Um dos povoados que melhor parece representar esta fase mais antiga é o Monte do Olival. Este aparenta ser um grande povoado disperso onde, devido a fenómenos de bioturbação, se tem vindo a identificar muito espólio à superfície - incluindo cerâmica com decoração incisa. Porém, é impossível compreender melhor o sítio arqueológico que pode ter possuído uma ocupação contínua, ou uma ocupação mais sazonal, durante um largo período de tempo sem efetuar escavações arqueológicas (Idem, *Ibidem*).

Para este período mais recuado, não obstante a flagrante proximidade a monumentos megalíticos de pequenas dimensões, não se possui informações sobre o mundo funerário.

2.2. Neolítico médio (primeira metade do IV milénio a.C.)

A caracterização das estratégias de povoamento no Neolítico médio carece de alguns problemas. Este facto advém sobretudo da ideia, mais ou menos generalizada, que a evolução se teria realizado de forma linear: com o desaparecimento gradual das cerâmicas decoradas e o aparecimento de formas carenadas simples; incremento da pedra polida e elementos de mó (Calado, 2001, 2004; Calado e Rocha, 1996-1997; 1997). Não obstante, as escavações realizadas nos últimos anos em alguns povoados (como a Barroca 1 e Chaminé 3, em Mora) parecem refutar esta ideia simplista (Rocha, 2016). De facto, não só a evolução não terá sido linear como é muito provável que tivessem coexistido num espaço geograficamente próximo, grupos portadores de diferentes tipos de tecnologias. Por exemplo, a presença/ausência de cerâmica decorada poderá não servir, para todos os casos, de elemento cronológico seguro (sobretudo se se tiver em conta apenas os materiais de superfície).



Fig. 5. Povoado da Pedra da Moura

Os melhores paralelos que temos em Arraiolos para este período parecem ser os povoados do Monte do Outeiro e da Pedra da Moura (que possui vários períodos de ocupação), com o aparecimento de formas mamiladas e carenadas simples, pedra polida e elementos de mó (Rocha, Santos e Branco, 2013). O povoamento deste período coaduna-se ainda assim com a tendência do restante Alentejo Central, não existindo evidências de um povoado com uma ocupação exclusivamente deste período.

Por outro lado, esta fase parece de facto corresponder ao uso das pequenas sepulturas megalíticas.

2.3. Neolítico final/ Calcolítico inicial (finais do IV e inícios do III milénio a.C.)

No Neolítico final e, principalmente, no Calcolítico inicial surgem povoados que detêm um fator de antropização da paisagem mais acentuado. Surge uma maior variabilidade em termos de implantação mas também uma diversificação em termos artefactuais, com a presença de bordos espessados, pesos de tear, pedra polida, pontas de seta, percutores e maior abundância (e dimensão) dos elementos de mó.

É neste período que, economicamente, a agricultura e a pecuária começam a destacar-se relativamente à caça e recolção, muito bem documentado nos povoados através do aparecimento e aumento dos artefactos relacionados com estas atividades

(moventes, dormentes e pesos de tear). Denota-se no entanto um progressivo aumento de práticas metalúrgicas que irão marcar o final deste período cronológico.

Povoados como a Ilha Fria 1 e 2 e Carrasqueira 2 parecem pertencer a esta fase. Por outro lado, é muito provável que numa grande parte dos povoados identificados com espólios globalmente muito semelhantes, a ocupação se tenha iniciado nesta fase. Por norma, a diferença entre esta fase e a seguinte estabelece-se mais pela presença de condições de defesa (Rocha, Santos e Branco, 2013).

Esta fase é também a do grande apogeu da construção dos monumentos megalíticos funerários (antas), muito bem representados em algumas das freguesias do concelho de Arraiolos.

2.4. Calcolítico médio/final (meados do III - inícios do II milénio a.C.)

O período designado por Calcolítico (ou Idade do Cobre) corresponde ao apogeu destas sociedades agro-pastoris, com a consolidação da agricultura e pecuária mas, também o aparecimento e desenvolvimento da metalurgia.

Aparentemente, a existência de abundância agroalimentar, por um lado, e a metalurgia, por outro, poderão estar na origem do aparecimento da necessidade de construção de elementos de defesa como fossos, muralhas e paliçadas, dos quais ainda se encontram vestígios como taludes e fundações, à superfície. Para alguns autores estes vestígios, assim como o surgimento das pontas de seta entre os vestígios arqueológicos, são um claro indício de um estado de guerra quase generalizado (Ventura e Senna Martinez, 2003).

A variabilidade do povoamento calcolítico contrasta com o modelo de povoamento neolítico. A tipologia de povoamento calcolítico mais conhecida é, de fato, a implantação em pequenos cerros ou esporões com elevada defensabilidade natural, reforçada pela construção de muralhas e dimensão de cerca de 1ha. Existem no entanto outros povoados com localizações de reduzida defensabilidade natural e defendidos com fossos e/ou muralhas.

As cabanas seriam construídas geralmente com plantas circulares, construídas em pedra, revestidas a barro cozido e com coberturas de materiais perecíveis.

Em termos espaciais, durante o Calcolítico, mantêm-se a tendência do povoamento se encontrar nas áreas junto aos recursos aquíferos e, principalmente, nas

zonas graníticas não obstante existir agora uma tendência pelos cerros com maior defensibilidade dos quais é exemplo o povoado do Pé da Serra e Laranjeira, sendo neste último visível ainda a muralha e talude (Rocha, Santos e Branco, 2013).

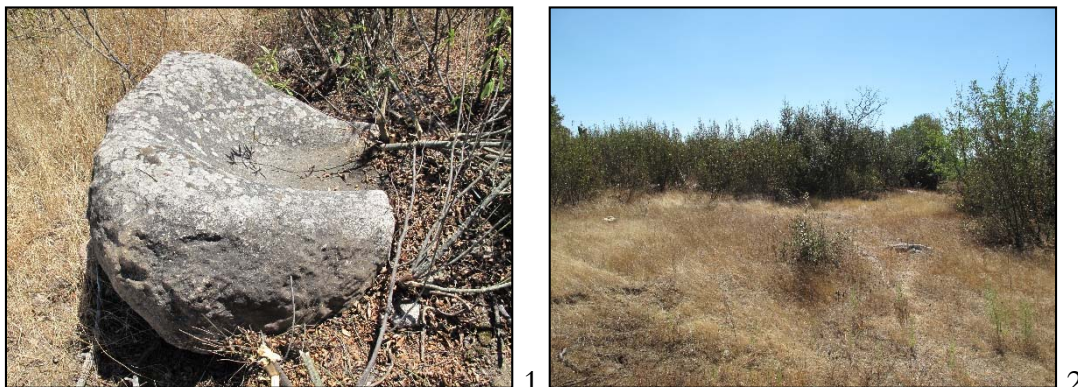


Fig. 6 e 7. Pormenor de dormite e vista do povoado do Pé da Serra, respetivamente.

Em termos globais, a Pré-História Recente, é o “período” com maior número de vestígios arqueológicos no Concelho de Arraiolos (Fig.8), acompanhando a tendência nacional que parece traduzir um claro aumento demográfico.

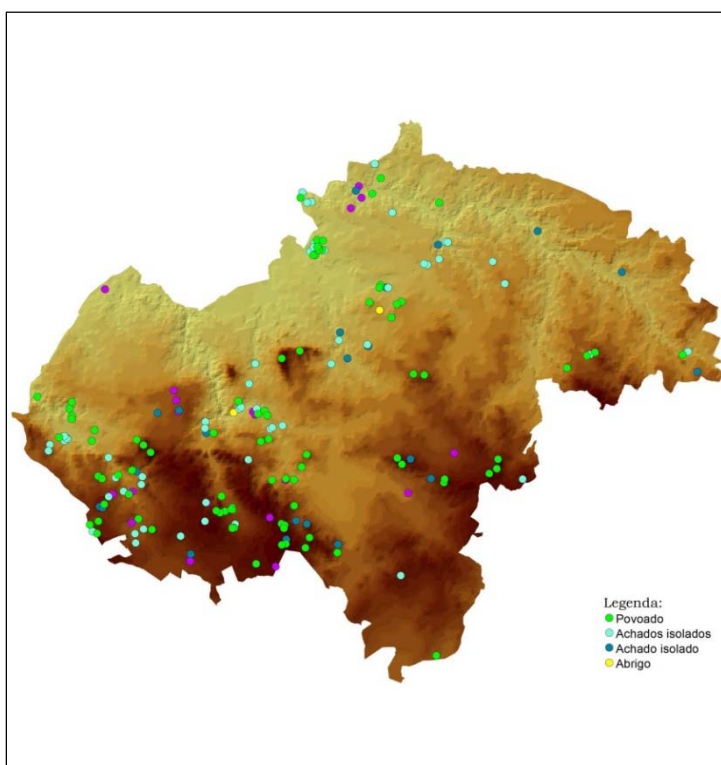


Fig.8. Distribuição dos sítios da Pré-história Recente do concelho (sgd. Rocha, Santos e Branco, 2013)

2.5. Idade do Bronze (II milénio – Inícios do I milénio a.C.)

A partir dos finais do III milénio a.C., ainda em período Calcolítico, começa a denotar-se uma retração do povoamento, com o abandono de alguns povoados e redução da área de outros, o que poderá indiciar profundas perturbações demográficas provocadas por uma crise económica. As origens propostas são várias: exaustão de recursos, colapso demográfico ou mesmo fatores políticos externos.

A “crise” ter-se-á prolongado para o II milénio a.C., sendo que o povoamento da Idade do Bronze, no Alentejo, denota grandes diferenças face ao que o antecedeu e sucedeu (Mapa 3). Para alguns autores, o povoamento terá sido disperso pelos campos. Uma ruralização ainda hoje pouco conhecida e das quais possuímos poucas evidências em Arraiolos. Deste processo são exemplo sítios como a Sempre Noiva 11, Monte da Torre 3, Malhada das Oliveiras 2 (Rocha, Santos e Branco, 2013).

Para além destes sítios existem ainda referências antigas ao aparecimento de um machado plano (Paço, 1965), punhal tipo “Porto de Mós” (Correia, 1988) e aos silos-fossa descobertos no Antigo Hospital do Espírito Santo (Almeida e Silva, 2013), em cujo conteúdo se incluíam alguns fragmentos de taças em cerâmica.

No final do II milénio e inícios do I milénio a.C. começam a surgir os grandes povoados do Bronze final. Estes povoados destacam-se por aproveitarem os topos mais destacados da paisagem, os elementos estruturantes da paisagem, as cumeadas de maior defensabilidade natural.

É exemplo destes grandes povoados, a ocupação do Monte de S. Pedro/Castelo de Arraiolos que não obstante a escassez de estruturas e materiais (Almeida e Silva, 2013), nos permite estabelecer algumas ligações suprarregionais, sobretudo quando conjugados com materiais avulsos (metálicos) anteriormente encontrados na área (AAVV, 1994). Também a presença de cerâmicas de ornatos brunidos (Fig.1), típicas deste período cronológico são um excelente elemento para a caracterização do sítio. Este tipo de decoração foi também encontrado nas Malhadas das Oliveiras 2 (Rocha, Santos e Branco, 2013) e em duas fossas escavadas no Antigo Hospital do Espírito Santo (Matos, 2013)

É também neste período cronológico que parecem surgir os primeiros indícios de elites que controlavam os recursos mineiros e comércio de armas e ourivesaria. Este fato aparece bem evidenciado não só no conjunto de objetos de adorno (e prestígio) em

ouro encontrados no Monte de S. Pedro que atestam não só a existência de um grupo/elite detentor de um certo poder e riqueza mas, também no conjunto de peças de adorno, vestuário e utilitárias em bronze, como braceletes, alfinetes, fíbulas, conta de colar (em calcedónia), anzol, serra, escopro, tranchet, punhais e ponta de lança (V.V.A.A, 1994) cujas cronologias de utilização se poderão genericamente até ao séc. VII a.C. (ou seja, já nos inícios da Idade do Ferro) (AAVV, 1994, Soares, 2005, Vilaça, 1995).

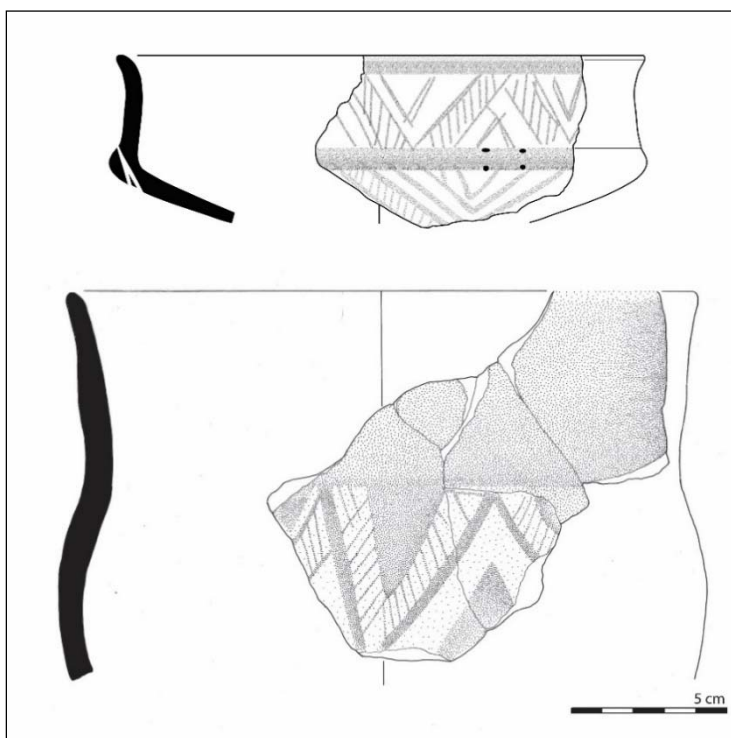


Fig. 9. Cerâmica de ornatos brunidos recuperada na sondagem do Poço dos Alcaides (Almeida e Silva, 2013).

Em termos de necrópoles para este período apenas se conhece no concelho a da Balanqueirinha 1. De realçar que, ao contrário do período precedente em que temos conhecimento de numerosos locais de enterramento (antas), na Idade do Bronze temos o processo inverso tanto mais que a partir desta altura se passa do enterramento coletivo para o individual e se deixa de investir na monumentalidade “da morte”. Existem reutilizações de alguns monumentos megalíticos, algumas fossas com enterramentos identificadas em povoados mas, para o Alentejo Central não se conhecem necrópoles deste período.

2.6. Idade do Ferro (Séc. VIII a IV a.C.)

Com a Idade do Ferro, período que antecede a chegada dos romanos ao território, são abandonados os grandes povoados do Bronze final e surge uma rede de

povoamento densa, concentrada em *habitats*, de carácter rural. Apesar de este ser um padrão que se estende a todo o Sul, não deixa de ser estranho a aparente escassez de sítios deste período no atual concelho de Arraiolos (aparentemente apenas os Soeiros), sobretudo se atendermos à quantidade de sítios que surgem no período romano. Esta situação pode dever-se a três ordens de fatores i) ausência efetiva de povoamento deste período; ii) problemas tafonómicos e/ou de prospeção que ainda não permitiram a sua identificação; iii) problemas nas cronologias atribuídas a alguns dos sítios já identificados. De fato, não podemos esquecer que na ausência de escavações os materiais que se encontram à superfície podem ser confundidos com o de outros períodos, sobretudo se forem escassos e não existirem as tipologias específicas que permitem uma atribuição cronológica segura (bordos extrovertidos e cerâmica com decoração estampilhada, por exemplo).



Fig.10. Vista do povoado/fortim dos Soeiros

A partir do século V, este tipo de povoamento tende a ser substituído pelos chamados “castros de ribeiro”, com grande defensibilidade e alguns povoados de cumeada o que perduraria até ao contacto com o mundo romano.

Em termos religiosos, existem santuários que perduraram até aos tempos romanos, tendo sido adotadas algumas práticas e cultos às divindades indígenas. É disto exemplo a Rocha da Mina e a possível ligação ao culto do deus Endovélico, no Alandroal. Este tipo de santuários poderá, na ótica de alguns autores, vir a transformar-se em templos romanos rurais, não incluídos em *Villae*, como é o caso do Templo Romano de Santana do Campo.

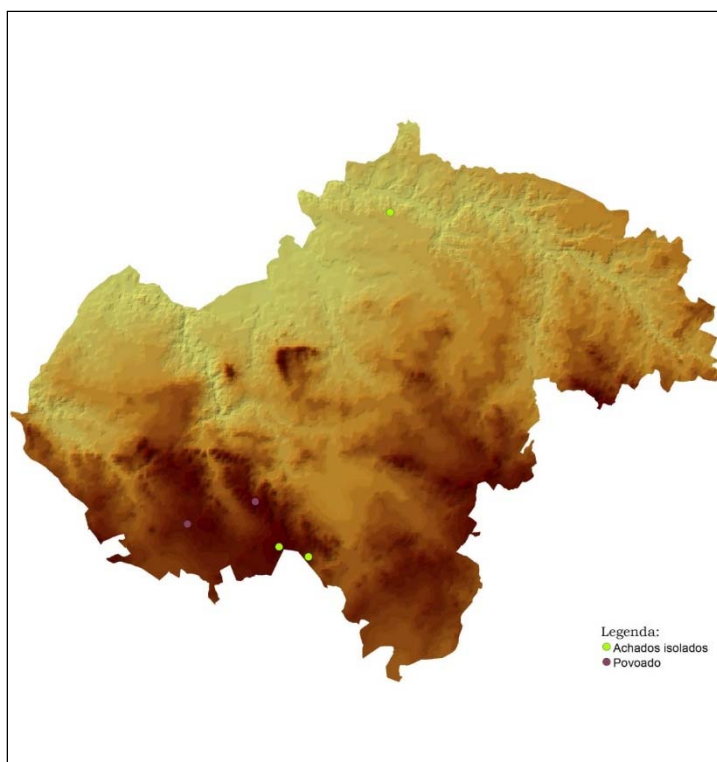


Fig.11. Distribuição dos sítios Proto-históricos do concelho (sgd. Rocha, Santos e Branco, 2013)

Bibliografia

(1960) - Carta Mineira de Portugal (1: 500. 000). Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal

ALMEIDA, N. (2014) - *O Paleolítico médio da margem esquerda das portas de Ródão (Nisa, Portugal): Contributo para a sua caracterização cronoestratigráfica*. Évora: Universidade de Évora (tese de doutoramento policopiada).

ALMEIDA, S; SILVA, R. (2013) - O Monte de S. Pedro e a Idade do Bronze na vila de Arraiolos. *Património(s) de Arraiolos*. Arraiolos: Câmara Municipal de Arraiolos, 268-273.

ARNAUD, J. (1971) - Os povoados “neo-eneolíticos” de Famão e Aboboreira (Ciladas, Vila Viçosa), Notícia preliminar. *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*. (Coimbra, 1970). Coimbra: Junta Nacional de Educação, 199-221.

ARNAUD, J. (1979) - Coroa do Frade. Fortificação do Bronze final dos arredores de Évora. Escavações de 1971/1972. *Madriider Mitteilungen*. Heidelberg. 20, 56-86.

ARNAUD, J. (1982) - Le néolithique ancien et le processus de néolithisation au Portugal. Le néolithique ancien méditerranéen. *Archéologie du Languedoc. Actes du Colloque International de Montpellier — 1981*. Montpellier. Nº spécial, 29-48.

- AZEVEDO, P.A. (1899 - 1900) – Extractos Archeologicos das "Memórias Parochiaes de 1758". *O Archeólogo Português*. V. Lisboa: [s.n.]. 29.
- CALADO, M. (1990) - Aspectos do Megalitismo Alentejano. *O Giraldo*. Évora. Julho-Agosto.
- CALADO, M. (1993a) - *Carta Arqueológica do Alandroal*. Alandroal: Câmara Municipal de Alandroal
- CALADO, M. (1993c) - A Idade do Bronze. In MEDINA, J. (dir.) - *História de Portugal*. Lisboa: diclube. 1, 327-362
- CALADO, M. (2001) – Da Serra d`Ossa ao Guadiana: um estudo de pré-história regional. *Trabalhos de Arqueologia*. 19. Lisboa: IPA.
- CALADO, M. (2004b) – *Menires do Alentejo Central. Génese e evolução da paisagem*
- CALADO, M.; ROCHA, L. (1996) - Neolitização do Alentejo Interior: os casos de Pavia e Évora. Actes du I Congrès del Neolític a la Península Ibèrica . *Rubricatum*. Gavà-Bellaterra. 1:2, 673-682.
- CALADO, M; ROCHA, L. (1996-1997) – Povoamento do Bronze Final no Alentejo Central. *A Cidade de Évora*. Évora: 35-55.
- CALADO, M; ROCHA, L. (1997) – Povoamento da Idade do Ferro no Alentejo Central. *Cadernos de Cultura de Reguengos de Monsaraz*. 1. Reguengos de Monsaraz: 99-130.
- CANINAS, J. C; HENRIQUES, F. J. (1987) - Testemunhos do Neolítico e do Calcolítico no concelho de Nisa. *Actas das I Jornadas Arqueológicas do Nordeste Alentejano (1985)*. Castelo de Vide, 69-82.
- CORREIA, V. (1921) - *El Neolítico de Pavia*. Madrid: Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas. Memoria 27.
- CORREIA, V. H. (1988) - Um punhal do Bronze Final, de Arraiolos. *Arqueologia* 17. Porto: 201-203.
- DINIZ, M. (1994) - *Acerca das cerâmicas do Neolítico Antigo da Gruta da Furninha (Peniche) e da problemática da neolitização do Centro/Sul de Portugal*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. (tese de mestrado policopiada).
- DINIZ, M. (2003a) – *O sítio da Valada do Mato (Évora). Aspectos da neolitização no interior Sul de Portugal*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. (tese de doutoramento policopiada).

- DINIZ, M. (2003b) – Patalim. In PESSANHA, V.R. (2003) – *Arqueologia nas autoestradas*. Lisboa: Brisa, 27-33.
- GOMES, R. V; GOMES, M. V; SANTOS, M. F. (1983-84) - Santuário exterior e povoado calcolítico do Escoural. *Clio/Arqueologia*. Lisboa. 1, 77-7.
- LOPES, B. (2008) - *O Castelo de Arraiolos*. Lisboa: Apenas Livros.
- MARQUES, G. (1969) - Estação do bronze do Mte de S. Pedro (Arraiolos). *Actas, Secção Arqueologia da Soc. Geografia Lisboa. Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*. S. 87, nº 1-3 e 4-6, 147.
- MARQUES, G; ANDRADE, M. (1974) - Aspectos da Proto-História do Território Português, 1 – Definição e distribuição geográfica da cultura de Alpiarça (Idade do ferro). *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*. Porto. 125-191.
- MATOS, C. (2013) - Intervenção Arqueológica no Antigo Hospital do Espírito Santo – Arraiolos. *Património(s) de Arraiolos*. Arraiolos: Câmara Municipal de Arraiolos, 287-290.
- PAÇO, A; VENTURA, J. F. (1961) - Castelo do Giraldo (Évora). I — Trabalhos de 1960. *Revista de Guimarães*. Guimarães.71:1-2, 27-49.
- PARREIRA, R. (1990) - Considerações sobre os milénios IV e III no Centro e Sul de Portugal. *Estudos Orientais*. Lisboa.1, 27-43.
- ROCHA, L. (1999) – *Povoamento Megalítico de Pavia. Contributo para o conhecimento da Pré-História Regional*. Setúbal: Câmara Municipal de Mora.
- ROCHA, L. (2005) – As origens do megalitismo funerário no Alentejo Central: a contribuição de Manuel Heleno. Tese de doutoramento policopiada. Lisboa: FLL.
- ROCHA, L; SANTOS, I. (2013) – O Neolítico do concelho de Arraiolos: um ponto da situação. *5º Congresso do Neolítico Peninsular*. Lisboa, 341-349.
- ROCHA, L; SANTOS, I; BRANCO, G. (2013) – *Património(s) de Arraiolos*. Arraiolos: Câmara Municipal de Arraiolos.
- SILVA, A. C. (1994) - Problemática das “indústrias macrolíticas” do Guadiana — um tema a não ignorar para uma maior aproximação ao estudo do povoamento pré-histórico no interior alentejano. *Actas do Encontro sobre Arqueologia en el entorno del Bajo Guadiana*. Huelva, 71-89.
- SILVA, A.C., PERDIGÃO, J. (1998) – *Contributo para a Carta Arqueológica de Arraiolos*. Setúbal: Câmara Municipal de Arraiolos.

SOARES, A. M.; CABRAL, J. M. (1993) - Cronologia absoluta para o Calcolítico da Estremadura e do Sul de Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnografia. Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. 2, 217-235.

SOARES, M. (2005) - Os povoados do Bronze Final do Sudoeste na margem esquerda portuguesa do Guadiana: novos dados sobre a cerâmica de ornatos brunidos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 8: 1. Lisboa: IPA, 111-145.

V.V.A.A (1994) - *Idade do Ferro (Catálogo da exposição)*. Serviços Culturais – Museu Municipal Dr. Santos Rocha. Figueira da Foz.

VENTURA, J. M. Q; SENNA-MARTINEZ, J. C. (2003) – Do conflito a guerra: aspectos do desenvolvimento e institucionalização da violência na Pré-história recente peninsular. *Turres Veteras*. Torres Vedras.

VILAÇA, R. (1995) – Aspectos do Povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze. *Trabalhos de Arqueologia* 9. IPPAAR. Lisboa.